

Brasil lucra US\$ 36 milhões no leilão da conversão

No primeiro leilão para conversão de dívida externa em investimentos, o Brasil conseguiu deságio de 27% para os US\$ 73 milhões que serão aplicados diretamente em empresas brasileiras e nas bolsas de valores, através de fundos e de 10,5% para os US\$ 75 milhões destinados às áreas incentivadas. Isso significa que o Banco Central apagou dos registros da dívida US\$ 186 milhões 519 mil e libera US\$ 150 milhões, equivalentes a CZ\$ 17,2 bilhões. O lucro do Brasil com a operação foi de US\$ 36 milhões 519 mil.

A Fidesa Corretora, associada ao NMB Bank, foi a maior arrematadora, obtendo US\$ 17,3 milhões líquidos. Ela participou do leilão representando oito clientes europeus, que têm interesses em investir na área de siderurgia, em um hotel e na bolsa. O segundo maior lance ficou para o Banco Multiplic, que operou em nome do Banco Árabe Internacional de Investimento, garantindo US\$ 21 milhões 400 mil, que caem para US\$ 15 milhões 600 mil devido ao deságio de 27%. Esse dinheiro será todo aplicado nas empresas do empresário Nagi Nahas.

O maior credor do Brasil, o Citibank, participou desde o início do leilão, a 0,5% de deságio, propondo a conversão de US\$ 5 milhões, que foram obtidos sem maiores dificuldades por 27%. Sobraram US\$ 2 milhões para serem disputados na forma de rateio, por 26,5%. O Citibank não quis informar de que forma os US\$ 5 milhões serão aplicados no Brasil, mas admitiu que parte desses recursos poderá ser destinada ao seu fundo de conversão. Outro credor do Brasil, o Banco de Boston, tentou arrematar US\$ 900 mil, mas desistiu no meio, quando o deságio alcançou 25%.

Clima— O leilão começou sem atrasos, às 15 horas, mas muitos operadores demonstravam ansiedade e começaram a chegar às 14 horas. Apesar de ter durado quatro horas — havia quem estimasse seis horas de pregão — não houve nenhuma tentativa de encurtar o tempo, o que poderia ter acontecido através de propostas de deságio maior para o lote interno.

“O clima foi tenso porque não tínhamos ideia de quem ia participar do leilão, mas quando deu para sentir quem estava interessado e a que taxa fecharia negócio, aí ficou mais fácil”, explicou o operador da Fidesa, César Verlargieri. Ele disse que o maior nervosismo acabou sendo provocado pelos próprios clientes, que no meio do leilão, por telefone, resolveram alterar as ordens, obrigando que as contas fossem refeitas na hora.

Mas quando o deságio, que começou em 0,5%, atingiu 15%, foi fácil identificar que menos de 20 corretoras estavam

no páreo. O momento mais emocionante ocorreu quando o deságio alcançou 24%, e o leiloeiro Danilo Ferreira perguntou quem tinha mais propostas e houve silêncio. Os participantes já cantavam vitória, quem assistia bateu palmas e Ferreira fez menção de encerrar o leilão, quando a Multiplic apregou mais US\$ 16,5 milhões. O limite estourou e o leilão continuou.

“A Multiplic deu um certo charme. Naquele momento, achamos que o leilão tinha acabado e chegamos a fazer festa”, admitem depois, rindo, o operador da Fidesa.

Outro fato surpreendente ocorreu no segundo leilão, destinado às áreas incentivadas do Norte, Nordeste, Espírito Santo e Vale do Jequitinhonha. A Corretora Tendência, que não tivera participação muito ativa no leilão geral, arrematou o maior lote, garantindo a conversão líquida de US\$ 15,3 milhões. O diretor da instituição, Ike Rahaman, explicou que no primeiro leilão a Tendência não participou porque não conseguiu clientes para aplicar em bolsa. Segundo ele, esse dinheiro é para um único cliente, americano, que pretende investir em um projeto industrial no Amazonas.

A Corretora Fator foi outra que surpreendeu. Abrindo o leilão geral fazendo apreçoções de um grande lote, que chegou a alcançar US\$ 28 milhões, saiu sem converter nada na primeira etapa. O diretor da Fator, Francisco Pierotti, informou que o interesse era por deságio de apenas 10%. No segundo leilão (para áreas incentivadas) também começou firme e, dessa vez, levou US\$ 15 milhões, que serão destinados a um projeto na área da Sudene.

No fim do leilão, a Bolsa do Rio ofereceu um coquetel aos participantes que, exaustos, não cansavam de afirmar que o leilão tinha sido um sucesso. Mauro Sérgio Oliveira, presidente da Abamec (Associação Brasileira de Analistas de Mercado de Capitais), disse que o otimismo tomou conta dos participantes das bolsas porque agora criou-se clima propício a investimentos no Brasil. Explicou que as bolsas vão subir mesmo que não venha muito dinheiro novo através dos fundos de conversão.

Dizendo preocupar-se apenas em “prestigiar” o leilão, que considera “extremamente importante para que o país encontre o caminho de novos investimentos”, o governador Moreira Franco evitou qualquer comentário sobre os setores econômicos do Rio que poderão se beneficiar de investimentos conseguidos via conversão de dívida.



No pregão, a disputa dos operadores pelo melhor lance

1º leilão de US\$ 75 milhões

(área livre)

Corretora	Lance (US\$) a 27%	Rateio (US\$) a 26,5%
Multiplic	15.600.000	—
Fidesa	15.600.000	1.733.333,33
PNC	10.000.000	—
Ischpe	7.300.000	—
J.P.M.	7.200.000	—
Novo Norte	6.900.000	—
FNC(Citibank)	5.000.000	—
Safra	3.600.000	—
Barty	700.000	—
Bozano, Simonsen	300.000	—
Metro	300.000	—
Garantia	200.000	266.666,67
Credibanco	100.000	—
Planibanc	100.000	—
Digibanco	100.000	—
Total	73.000.000	2.000.000